

Memórias da Caparica

pela pena de **Bulhão Pato**

Memórias da Caparica

pela pena de **Bulhão Pato**

Monte de Caparica 2012



Índice

Introdução	pg. 5
Bulhão Pato e a Caparica	pg. 7
Caparica Rural	pg. 11
Costa da Caparica	pg. 17
Trafaria	pg. 21
Religiosidade Popular	pg. 23
Conclusão	pg. 27
Bibliografia	pg. 31
Glossário	pg. 33
Anexos	pg. 35

“Na canção popular ha sempre, lá no fundo.
Uma nota da cruz, que o povo tem no mundo!

Bulhão Pato

Introdução

A iniciativa de editar a presente publicação partiu da Junta de Freguesia de Caparica como forma de comemorar o 540º aniversário da criação da freguesia. Esta edição procura responder a uma pergunta que muitos faziam e para a qual se verificava que quase ninguém sabia a resposta. A pergunta era: qual a relação de Bulhão Pato com a Caparica, para além de ter vivido na Torre de Caparica?

Em resultado da pesquisa entretanto realizada, foi apresentada no *Encontro Sobre o Património de Almada e Seixal*, organizado pelo Centro de Arqueologia de Almada em Abril de 2012, uma comunicação intitulada “Memórias da Caparica pela Pena de Bulhão Pato”, a qual suscitou por parte da Junta de Freguesia de Caparica o interesse de publicar um livro assinalando o centenário da morte do poeta, repto que o Centro de Arqueologia de Almada desde logo aceitou.

Este contributo procura transmitir um olhar pela Caparica do século XIX, como Bulhão Pato a viu, sentiu e imortalizou na sua obra. Pretende ainda observar em que medida a sua mudança para a Caparica operou uma transformação da sua escrita, a propósito da qual, Victor Wladimiro Ferreira escreve no seu livro *No Monte com Bulhão Pato - «Poeta do ultraromantismo, depois de se ter instalado no Monte, a sua obra aproxima-se do parnasianismo pela expressão como olha e «pinta» em verso a Natureza, os seus elementos e forças...»*¹

Quando falamos na Caparica no tempo de Bulhão Pato, não nos podemos esquecer que os limites da freguesia correspondiam à circunscrição da paróquia de Nossa Senhora do Monte, a qual se encontrava dividida em quatro varas (Monte de Caparica com Porto Brandão, Sobreda com Charneca, Trafaria com Murfacém e a Costa com Vila Nova), em função das quais se organizava anualmente o Círio em honra da Nossa Senhora ao Cabo Espichel. Falamos portanto de uma Caparica que, além da atual freguesia, incluía ainda as povoações da Sobreda, Charneca de Caparica, Costa da Caparica e Trafaria.

Partindo dos poemas publicados no *Livro do Monte* e textos das *Memórias* de Bulhão Pato, cruzando com textos contemporâneos, nomeadamente um artigo de João da

Câmara dedicado ao poeta, publicado em 1893, e algumas notícias de imprensa relacionadas com a Caparica, procura-se traçar alguns apontamentos sobre a Caparica em finais do século XIX. Nesse sentido, enquadra-se a ligação de Bulhão Pato à Caparica, identificam-se aspetos da vida rural nos arredores do Monte de Caparica, das povoações da Costa e da Trafaria através das descrições da paisagem e dos modos de vida do povo, nomeadamente as suas crenças e devoções.

«O Livro do Monte, será, provavelmente, o meu último livro de versos. Foram vividas e sentidas todas estas composições. Sinceras, talvez por isso possam ter algum valor. Quando a alma não envelhece, a sensibilidade é porventura mais viva em annos provectoros.

Não me refiro à sensibilidade das paixões de adolescência e da força da vida, mas aos sentimentos que nos sugere a natureza.»²

A transcrição dos textos que servem de base ao presente trabalho respeita a grafia original, integrando o corpo do texto como citações das edições originais indicadas na bibliografia. Todos os poemas e textos analisados são reproduzidos na íntegra como anexos. Com vista a explicitar alguns termos ou expressões utilizadas por Bulhão Pato (assinaladas a negrito), apresenta-se um glossário através do qual se pretende melhorar a compreensão da linguagem poética.

Bulhão Pato e a Caparica

Antes de se mudar para a Caparica, Bulhão Pato já frequentava a localidade, onde desde 1859 vinha caçar. Muda-se definitivamente em 1890. Sobre a vivência do poeta na margem sul do Tejo, encontramos o testemunho de João da Câmara publicado na *Semana de Lisboa*, suplemento do *Jornal do Comércio*, publicado a 31 de Dezembro de 1893.

«Precisando que a boa natureza viva lhe refrescasse o sangue, que as doces harmonias campesinas lhe acalmassem os nervos, um dia partiu para o Monte, ali defronte, ao pé de Caparica. Família pequena, elle e a irmã velhinha. Como nunca jogar á o ganha-perde da política nem o das finanças, bastou-lhe um bote para mudar de casa.»³

A casa onde Bulhão Pato habitou até à sua morte situa-se na Torre de Caparica, lugar central da freguesia onde se juntavam as principais vias de comunicação que ligavam a Caparica a Lisboa através do Porto Brandão, a norte, a estrada para a Trafaria a oeste, enquanto para sul seguia na direcção de Sesimbra e do Cabo Espichel.



«A casa do poeta fica mesmo em frente da bifurcação da estrada da Trafaria com a do Lazareto. Por um lado é perto o mar, por outro, mais perto ainda, o Tejo. A paisagem vulgar d'aquelles sítios: vinhas em volta, pinheiros ao longe. No caminho do Lazareto, a cem metros do Monte, umas ruínas pitorescas: a Casa das Bruxas, na sombra dos grandes ulmeiros, onde os rouxinóis cantam na primavera.»

Aqui continuou com a sua grande paixão, a caça:

«A hora em que o orvalho sobe mansinho no ar socegado, fazendo tremer os contornos longínquos. Bulhão Pato, madrugador, pega da espingarda e elle ahí vae por esses montes atraz das perdizes, por esses pinhaes á espera das gallinholas.»⁴

«Eram celebres os seus jantares de caça, as perdizes, as gallinhas, as narcejas, e por esse tempo havia em Caparica um vinho branco que tinha um gosto de pederneira, vinho já cantado por Gil Vicente e Camões.»⁵

Esta sua paixão acompanhou-o vida fora e com quase com oitenta anos ainda caçava com a mesma alegria de sempre «Um dia fui encontrá-lo com uma alegria infantil. Tinha quasi oitenta annos e ao ver-me gritou abrindo os braços: - «Cacei hoje uma galinhola!» – E presidiu com carinho ao seu amanho, não deixando de preparar o raro acepipe da torrada.»⁶

Pelo grande respeito que Bulhão Pato nutria por todos aqueles que trabalhavam a terra, até contra si escrevia no poema *Setembro*, dando conselho aos donos das vinhas, para que nelas não deixassem entrar caçadores, enquanto não fosse feita a vindima:

*Nem mesmo a amigos teus, e da maior estima,
Não tendo no lagar o fructo da vindima,
consintas na vinha entrada a caçadores.
— Eu fallo contra mim, que sou dos amadores,
E é pena — que a perdiz levanta-se, pintada,
Co'a prole atraz de si, por uma bacellada!*⁷

Com todos falava, por todos era saudado, pois conhecia como ninguém a sua vida miserável e a luta constante pelo pão de cada dia.

«E, vá por onde for, a natureza é bella sempre. Por uma d'estas permuta ções faceis a poetas, as mulheres que o saúdam teem o perfume das ro sas; sorriem-lhe como lábios frescos de mulheres, as papoilas de entre o trigo. [...] E o abrigo nas tardes chuvosas na barraca do homem do mar ou na choça do rachador de lenha.
Ouvem-se perto os clarins da ventania e ao longe as ondas rufando no areal da Costa e nos **cachopos** da barra.»⁸

A Caparica rural está patente na descrição dos vinhedos onde aprendeu a distinguir as diferentes castas e todo o processo de fabrico do vinho, desde a vindima ao lagar. Andou pelas searas de trigo e milho, pelo faval abundante para alimentar o gado e para matar a fome ao mais pobre. Sem esquecer a fruta, as cerejas, o figo **lampo**, o figo moscatel e a pera **colmar**.

Bulhão Pato também viveu e descreveu as adversidades naturais que atingiam as populações rurais trazendo tempos de fome e miséria que conduziam as famílias à esmola. A estiagem, que tudo queimava, o gado que morria à fome e à sede, os temporais que tudo levavam ao agricultor e que deixavam sem trabalho o **ganhão** e o **jornaleiro**, as geadas, flagelo para as culturas, bem como o míldio e a filoxera que arruinaram as vinhas da Caparica e todos que delas dependiam.

Dá-nos também a conhecer a Trafaria como zona balnear onde veraneou nos princípios de setembro, pelo menos, durante quinze anos. Quando vinha de barco de Belém aportava no Torrão perto da quinta do Miranda, para ir caçar no **Juncal** na Costa da Caparica, onde se emocionava com as precárias condições em que viviam os pescadores, em pobres casas de colmo, assistindo à fome e à miséria que passavam as suas famílias quando não podiam ir ao mar. É desta sua vivência com as gentes caparicanas lutando com coragem contra os elementos que nos deixa o seu próprio testemunho através da sua obra. No Monte de Caparica escreveu o *Livro do Monte*, obra que dividiu em duas partes,

«Intitulando Georgicas a primeira parte do meu livro, segui, a distancia enorme, o mestre immortal, que não se limitou à significação restricta da palavra, fazendo apenas um poema didáctico sobre a cultura do campo. Às brenhas, aos mattagaes, às assomadas, montes, algares, valles, campinas, mar e horisontes remotos, deu vida!

Eu descrevi, como pude, quantas scenas tenho observado, todos os dias, por estas bellissimas paizagens, onde ha muitos annos habito, e a esses quadros intitulei - Georgicas. A segunda parte - Lyricas - menos algumas satyras da actualidade, e impessoaes, que, bem no fundo, podem ser elegias, suggeridas por misérias de que todos sabemos - a segunda parte, digo, é o meu passado, rememorando relâmpagos do coração, quando moço...e, por fim, aquelles que amei e que já não existem! A forma, não lhe dando tratos, consagrei toda a minha attenção, procurando, sem phrasear de archaismos, conservar-lhe sabor portuguez, mas portuguez moderno. O século em que estamos não pensa nem sente como o século XVI, e não se pode escrever como se escrevia então. Ahi fica o reparo, que me não parece descabido.»⁹

Bulhão Pato faleceu na sua casa na Torre de Caparica e está sepultado no Cemitério do Monte de Caparica, cemitério onde também tinham sido anteriormente sepultados, o seu pai, o seu irmão e a sua irmã. O seu afeto a este cemitério, por aí se encontrar toda a família, levou-o a escrever um dos seus últimos versos, intitulado *O Cemitério do Monte*.



*Fica n'um alto, e é bonito,
O cemitério d'aqui.
Da casita onde eu habito
Em dois passos...chego alli*

*A's tardes, vou-me até lá;
Tardes serenas de Inverno
Quando o sol se afunda já:
Parece-me um lar paterno!...*

*Encerra tanto dos meus
Aquelle breve recinto.
Que em lar paterno me sinto!
Oïço o mar; não fica longe
É gratissimo escutar,
N'esta solidão de monge,
Os movimentos do mar!*

*E os meus sentidos absortos
Nas memórias do passado
Ouvem falar os meus mortos!...¹⁰*



Caparica rural

Calcorreando montes e pinhais por essa Caparica em busca de uma peça de caça, conheceu como ninguém as suas gentes. Com elas conviveu, conheceu-lhes o trabalho e as suas agruras. É esse conhecimento que partilha connosco através da sua poesia no *Livro do Monte*. Dá-nos assim a conhecer a paisagem rural da Caparica do seu tempo, caracterizada pelas vinhas, os pomares, as searas e o gado; a meteorologia através dos saberes da gente do campo. Descreve ainda a religiosidade popular associada às práticas agrícolas e a vida da gente que vivia do amanho da terra.

A vinha era a principal cultura agrícola dos solos férteis da Caparica, dada a qualidade do vinho cuja cotação alcançada nos mercados para onde era exportado fazia desta a produção economicamente mais rentável para os agricultores da Caparica, provocando a conversão de outras culturas, nomeadamente o trigo, para o cultivo da vinha. Situação retratada por Bulhão Pato no poema *Casal da Encosta*: «*Era o grande remédio! - o pão não deixa nada.*»¹¹

No poema *Setembro* dedicado a Pinheiro Chagas, Bulhão Pato descreve o aspeto e os cuidados a ter com as vinhas, deixa-nos a sua impressão sobre os anos em que olhando para os cachos se adivinhava uma boa vindima:

*No chão rojam da cepa os cachos **rescendentes**.
Caindo, de manhã, **branduras** mais frequentes,
Bem podes acudir a vasilhame novo,
vinho de graça e do melhor ao povo.*

*Espadeiro retinto, ha muito me não lembro
— o tão grado e bom, na entrada de setembro;
Mas o **arinto**, talvez, **inda lhe dá de rosto**:
É repisal-o **extreme**, e então verás — que mosto* ¹²

«*Em Belém, n'alguns estabelecimentos, está à venda vinho da Caparica, o qual tem sido muito apreciado pelos entendedores, o que revella a sua boa qualidade*».

“O Puritano” nº 556 de 7 Março 1895

Em *Veranito de São Martinho* o poeta enumera as castas cultivadas **tália**, **espadeiro** e **arinto**, e alude ao trabalho da vindima ao transporte da uva e do trabalho no lagar, sem esquecer o momento de o provar acompanhado por castanhas assadas:



*Quando o cacho abundava, em prosperas vindimas,
Para todo este sitio eram glorias **opímas!***

*Da **talía**, do **espadeiro** e do doirado **arinto**,
A rodo, até fartar o pobre mais faminto!*

*Inda estrelas no ceu e já, pelas estradas.
Os carros a gemer co'as **dornas** atulhadas!*

*Na testada dos bois, pulando o rapazio,
Repleto de trincar o bago luzidio!
Depois, **estreme** e rubro, a encher a transbordar,
O sangue do vinhedo, as cubas do lagar!*

*Para ter um licor mais tinto e avelludado.
Era curtir na **balsa** o **racimo** pisado.*

*Que mosto! O cheiro só bastava aos lagareiros!
E a adegá!... um carnaval de **chascos zombeteiros!**
Vindo o frio a apertar, logo no São Martinho,
Não havia ter mão — era provar do vinho!
E para fazer bocca, e se beber sem susto,
A castanha a aloirar, na cinza do magusto!¹³*

«Devido ao mau tempo, em várias fazendas da Caparica, as plantações de Bacelo foram irremediavelmente destruídas.»

“O Puritano” nº 553 de 24 Fevereiro 1895

Bulhão Pato testemunhou igualmente o grande problema que afetou as vinhas na Caparica no final do século XIX, primeiro o míldio e depois a filoxera, enquadrando-o na vida quotidiana de um casal que investiu tanto trabalho na sua vinha que era o seu sustento e ainda fazia economias. De um momento para o outro, ficou sem nada, a vinha toda queimada, simbolizando o que aconteceu a todos os produtores de vinho.

Os poemas *Veranito de S. Martinho* e *Casal da Encosta* abordam o flagelo o míldio e a filoxera que não deixavam restos de uvas para serem colhidas após a vindima pelos mais desfavorecidos. Pragas que assolaram as vinhas da Caparica provocando fracas colheitas e vinhos de pouca qualidade, levando à miséria as famílias dos agricultores que dependiam desta cultura.

*O mildio cada vez com mais furor ataca!
O vinho fundiu pouco, e a qualidade é fraca.
Não andaram, sequer, os moços á **rabusca**,
Que não ficou esgalha, embora da **labrusca** 14*

*Veiu um dia nublado, e ao mesmo tempo quente.
Aquillo foi um raio! — O mildio de repente.
Como a chamma voraz, lavrou! Tudo queimado;
Parra e cachito em flor! Um anno desgraçado!*

*Ao mildio succedeu, raivando, o phylloxera,
E arrazo-lhe o vinhedo, aquella besta fera¹⁵*

No poema *Casal da Encosta* Bulhão Pato traça o quadro da vida de uma família da Caparica que obtinha o seu sustento do trabalho da terra. Passando pelo **casal agrícola**, após a perca da vinha, constatou que ao lavrador só restava procurar trabalho que então escasseava, pois a destruição das culturas afetara toda a região.

*Isto, agora, o remédio é deitar mão á enxada;
Mas o trabalho falta, e não fazemos nada!
Apertou a cabeça entre os punhos cerrados,
Co'as lagrimas no peito — irmãos dos desgraçados!
A um lado da lareira, apagada e sombria,
A mulher, a cantar, a filha adormecia!
Que singular poder tinha o mavioso canto...
Era alegre a canção, porém a voz um pranto!¹⁶*



Nas terras da Caparica, além da vinha como cultura dominante, existiam hortas com pomares, searas, pastagens de gado e ainda áreas de pinhal, cuja produção servia para alimentar a economia local, nomeadamente através do abastecimento do mercado da capital. Através dos seus passeios e caminhadas de caça, Bulhão Pato conheceu bem esta paisagem agrícola. No pomar reconhece as diferentes variedades de fruta, dando conselhos sobre a maneira de as conservar e de qual o momento ideal para a colheita em função das condições climatéricas.

*Vinha março a pintar, que era um regalo o campo,
Desde a vinha opulenta até o figo **lampo!** —
Que ao **postre**, em junho abrindo, ao lado das cerejas,
Triste mesa será aquela, em que o não vejas.
Tudo, a **flux**, promettia um anno creador!¹⁷*

Os figos da Caparica, já referidos no foral dado por D. Afonso Henriques a Almada em 1170¹⁸ tinham valor comercial por serem muito apreciados. Eram facilmente escoados frescos para o mercado de Lisboa, onde chegavam por barco através de Porto Brandão. Por outro lado o figo era também conservado através da secagem no **almanchar**, como sugere Bulhão Pato no poema *Setembro* no qual refere igualmente a forma de conservar a pêra.

*Fructa que dá no tarde, apressa-te com ella,
Que ás vezes cae no outono a súbita **procella**
Vem própria para cama, e pelo inverno dentro
Tens a pêra **colmar**, sem maculas no centro.*

*Muscatel de pendura, em quanto o tempo brando
Lhe não estala a pelle, a deves ir **colgando**
Aproveita também o figo que restar,
Para o passar ao sol, disposto no **almanchar**.¹⁹*

No mesmo poema deixa-nos o seu testemunho e contentamento ao encontrar rebanhos de ovelhas e o gado bem alimentado a pastar por esses campos da Caparica.

*Como é bom respirar por esses campos fora!
Gado, é raro de ver, **nédio** como este agora!
As vaccas mostram bem o farto do **pascigo**,
No tardio avançar ao seu agreste abrigo,*

*A ovelhada lá vem, antes que feche a noite,
A procurar, balando, o **bardo**, onde se acoite;
E, aos silvos do pastor, redobra na **carreira**,
Levantando da estrada, em nuvens, a poeira.*

*O cabrito saltão, parece-me que o vejo
Do escarpado **almaraz** vir de roldão ao Tejo.²⁰*

Em contraste com o tempo de bons pastos e muito alimento para os animais, Bulhão Pato sempre atento às mudanças das estações do ano e da sazonalidade da vida das gentes do campo, transmite-nos no poema *Estiagem* o seu sentimento de tristeza pelo ano de seca, uma calamidade para as culturas e para o gado que morre à fome e à sede. Por outro lado, ao referir-se ao **ganhão** da Beira ilustra uma realidade vivida na Caparica do século XIX, onde a escassez de mão-de-obra local trazia à região milhares de trabalhadores rurais oriundos de outras regiões do país.

«No ultimo domingo, no mercado da Torre, em Caparica, onde diversos fazendeiros foram como de costume procurar pessoal para os trabalhos agrícolas, os **faniqueiros** exigiam entre 500 a 560 réis e os **caramelos** a 740 por dia».

“O Puritano” nº 556 de 7 Março 1895

O **ganhão** da Beira alpestre
Chegou da nativa serra,
Para o trabalho campestre.
Mas como amanhar a terra?

Não entra com ella o arado...
Queimado o tojal nos montes!
Morto, á fome e á sede, o gado
Seccas ribeiras e fontes

O sol alto a **dardejar**,
Abrazou o prado e a selva!
E o cordeirito a balar,
Sem ter um palmo de relva!

Não se ouvem cantar as noras...
Nem, no **alfobre**, umas verduras!
Vem repontando as auroras,
E cada vez vem mais puras!

O frio augmenta. Já silva,
Ás refregas, o **aquilão!**
Nem no vallado uma silva.
Para o cabrito saltão !

Atraz da vacca a novilha.
Já não pula na lezira!
A mãe não sustenta a filha.
Que o leite se lhe exaurira
O boi bravo, na campina
Erguendo a frente, parece
Que á Providencia Divina,
Mugindo, faz uma prece! ²¹

A meteorologia e as suas consequências no amanho das terras, bem como o conhecimento empírico sobre as condições e a previsão do tempo, praticado pelos trabalhadores rurais, que desde a infância aprendem a olhar o céu, são aspetos da vida das comunidades da Caparica expressos por Bulhão Pato no poema *Chuva em Domingo de Páschoa*. O próprio jornaleiro, a quem faltava o ganho,

— *Que a crueza do chão não consentia amanhã —
Deitava, esperançado, olhos ao firmamento.
Vendo que mais ao sul já se fazia o vento.*

Maioral ou pastor, homem do campo, em summa,
A consultar o céu, da infância se acostuma
É que, desde o montado aos bagos da semente,
Tudo está sob a mão de Deus omnipotente!²²

Neste mesmo poema, o poeta demonstra ainda o profundo conhecimento que adquiriu acerca das searas, de trigo e de fava, cuja abundância ou penúria decorre em grande medida das condições climáticas que ocorram durante a primavera, calores e geadas que ocorram fora da estação e que podem comprometer o sucesso das colheitas, das quais dependia a alimentação das pessoas e dos animais.

*Porém entra a estiar, a cair o rigor
Do ríspido nordeste, e a geada - um flagello,
sendo na sazão. O trigo, já tão bello.
Nos altos dos casaes, o faval succulento —
Que é remédio do pobre e remédio do armento —*

*Começam-se a sentir, e, se não vem branduras,
É contar que se vão as prosperas culturas! [...]*

*A refrega passou, e, serena e constante,
A chuva agora vem mais propicia e abundante.*

*Dir-se-ha que o milharal vae a crescer a palmos!
Se depois d'esta rega acodem dias calmos.
Isso é dar, no verão, fructa a rodo e de graça!
A fructa no mercado ha tanto tempo escassa!²³*

Transmitindo a sua grande preocupação com as gentes que trabalham na terra e no mar sujeitas e dependentes das condições meteorológicas, no poema *Os temporaes* Bulhão Pato descreve que, estando o tempo de feição, toda a gente tem trabalho na agricultura, assim como aqueles que fazem da pesca a sua principal ocupação. Em contraponto quando há temporal, o mar não permite que os barcos saiam para a pesca e não há trabalho nos campos, «a lareira sem lume, a tulha já sem pão»²⁴ e nem nos pequenos quintais, então alagados, é possível colher quaisquer legumes que se vendam no mercado. Perante as adversidades provocadas pelo mau tempo, restava apenas estender a mão à esmola.

Costa da Caparica

Do livro *Memórias* destaca-se o texto *As arribas do mar*, que se reveste de grande interesse para o conhecimento da Costa da Caparica em finais do século XIX, no qual Bulhão Pato descreve um dia de caça na Costa, em dezembro, na véspera da grande festa anual da localidade em honra de Nossa Senhora da Conceição.

Acompanhado pelo seu amigo José Augusto Galache, Bulhão Pato partiu de barco desde Belém em direção ao Torrão, e **abicaram** defronte da Quinta do Miranda a sul da povoação da Trafaria. Fizeram a primeira batida e depois de almoçar entraram pelo **Juncal** adentro passando para lá da Costa. O poeta refere a povoação, constituída na sua maioria de choças de colmo, algumas levantadas sobre estruturas de velhos barcos; uma casa de um só andar com armas reais, que recorda a passagem pela Costa do rei D. João VI e algumas poucas casas de pedra e cal. No poema *Esmola* dá-nos a conhecer a precaridade das habitações, onde e como eram construídas:

*As ondas com a tormenta,
Entraram pelo **Juncal**:
Lá vão os tectos de colmo
Na fúria do vendaval*²⁵



Encontraram lugar para comer e pernoitar na casa da Ti Maria (Maria Rita do Adrião), que o poeta frequentou por mais de trinta anos, com os seus melhores amigos. Depois do jantar foram até à praia onde encontraram os pescadores esmorecidos. Esperavam os barcos, a pesca da sardinha até então tinha sido escassa. Com a chegada à praia do saco da rede cheio de sardinha para a salga, descreve a alegria dos habitantes.

No *Livro do Monte*, o poema *Viva da Costa* ilustra a venda do pescado conforme terá sido testemunhado pelo poeta. Quando a pesca é abundante, há que ir vender o pescado pelas povoações do Concelho de Almada:

*Ao Monte, por essa encosta!
Ao Monte, ao Pragal, e adeante,
que há muito que o mar não dá* ²⁶

Cabia às mulheres e filhas dos pescadores essa tarefa, bem carregadas, subir a encosta, por azinhagas e maus caminhos. Prevendo uma boa venda, por não haver peixe há algum tempo, pois os barcos não podiam ir pescar, nada havia que as fizesse parar

*vem de cestinha avergada;
E lá de baixo, da praia,
E sobe a pino o almaraz;
mas nem por sombra cançada!* ²⁷

Viva da Costa e *Esmola* são poemas do *Livro do Monte* que ilustram bem a vida dura e miserável dos pescadores da Costa da Caparica no século XIX, na sua luta desigual contra tamanhas adversidades.

O poema *Esmola* espelha a vida cruel e de miséria dos pescadores, quando não podem ir ao mar. Observando-se ainda a sensibilidade do poeta, bastante incomodado com o que via,

«Notícias de fome nas comunidades interiores do Concelho que se dedicam à agricultura e à pesca devido aos temporais que têm assolado o Concelho. Na estrada Almada-Caparica são às dezenas, os homens, mulheres e crianças que, famintos, pedem ajuda. O jornal dirige-se ao Governo exigindo uma solução para uma situação tão grave e escandalosa.»

“O Puritano” nº 555 de 3 Março 1895

*As raparigas não correm
Com as cestas avergadas,
Gritando “Viva da Costa”!
Pedem esmola, coitadas.*

*Não carregamos as tintas
D'este quadro pungitivo;
Que elle, na própria verdade,
É mais tocante e mais vivo!* ²⁸

A faina da pesca observada por Bulhão Pato refere-se à **arte xávega**, sistema de pesca tradicional praticada até à atualidade na Costa da Caparica «**A arte xávega é uma técnica de pesca de arrasto para a praia, que utiliza um barco dentro da qual a rede**

«Face à escassez de pescado, aumenta o número de pescadores que se dedicam à prática agrícola na freguesia de Caparica (inclui Costa, Trafaria, Monte, Charneca e Sobreda): Em Caparica, aos que nos consta, há muitos indivíduos que se dedicam aos diferentes misteres do campo, lutando com falta de trabalho.»

“O Puritano” nº 547 de 3 Fevereiro 1895

é colocada, deixando na praia uma ponta de corda que puxa o saco da rede. Esta é lançada ao largo e o barco regressa à praia, trazendo a ponta da segunda corda. É então o momento de alar a rede, trabalho de puxar a rede para terra, realizado por dois grupos de pescadores que se encontram distantes e se vão aproximando à medida que o saco de rede se acerca de terra. Na Costa de Caparica este trabalho era feito à mão por homens, mulheres e crianças, com auxílio de um cinto colocado a tiracolo e preso à corda.

A embarcação tradicionalmente usada, capaz de ser varada na praia e vencer a rebenção das ondas, era o meia-lua, barco típico da Costa de Caparica. Era movido a remos, tinha o fundo chato, a proa e popa elevadas, que lhe davam a forma de crescente lunar de onde deriva a sua designação.»²⁹

A referência a esta arte está patente nos versos de *Viva da Costa* que referem a ação de puxar a rede a partir da praia e na referência à **companha**, designação do conjunto de participantes na pesca que inclui a tripulação do barco e aqueles que trabalham em terra.



*O pae andou labutando
Por toda a noite! Puxava [...]*

*Por um ai - Jesus! Maria!
Que o barco não se voltava!*

*Nossa Senhora do Cabo!,
Nossa Senhora da Guia!*

*Salvou-se toda a **companha**,
E também a pescaria!³⁰*

Igualmente no poema *Esmola* é referido o lance, designação de cada vez que a rede da xávega é lançada e recolhida a partir da costa.

*Os paes, deixando as cabanas,
Procuram dar volta à vida;
Mas, como afoitar um lance,
Se é tudo costa batida!³¹*



Trafaria

A prática banhar começou a ser promovida, a partir do século XIX, por razões de saúde, dadas as vantagens medicinais associadas ao ar marítimo, entretanto descobertas. Estando reservada às camadas sociais mais elevadas, *ir a banhos* tornou-se uma moda que esteve na origem da transformação de algumas povoações piscatórias em estâncias balneares. A Trafaria era então a grande praia do concelho de Almada, onde se alugavam quartos e casas aos veraneantes durante a época banhar, entre, 1 de setembro e 21 de outubro, conforme consta de postura câmara de Almada datada de 1886, que trata exclusivamente de *Cais, praias e botes*, definindo regras para a utilização das praias e atividade fluvial e regulamentando a exploração banhar.³² Pela sua proximidade à capital, foi criada na praia da Trafaria a primeira colónia banhar em Portugal, inaugurada em 1901 pela Rainha D. Amélia que aí se deslocou para o efeito.



É neste cenário de estância balnear que vamos encontrar Bulhão Pato, através do texto *O Cabeça à Banda* escrito no Monte em 1893 e publicado no livro *Memórias*, onde nos dá a conhecer a Trafaria onde vinha veraneiar mesmo antes de ter fixado residência na margem sul,

*«deve andar por uns quinze annos, que eu, logo nas entradas de setembro, costumava pernoitar n'uns quartos (...) de uma casa desmantelada, que ficava dentro do presídio da Trafaria».*³³

Para a história da Trafaria e das guerras liberais no concelho de Almada, o texto *O Cabeça à Banda* deixa-nos um testemunho interessante sobre o presídio.

*«O presídio, então, tinha ainda o aspecto lúgubre de outros tempos. Há milhares de pessoas vivas, como eu, viram muitas vezes aquelle antro, próprio paracovil de feras. Eram furnas medonhas, muitas d'ellas sem luz, e outras apenas esclarecidas por uma fresta alta, com grosso varões de ferro. Argolas chumbadas na pedra, fragmentos de correntes, manilhas quebradas, restos de uma epocha hedionda, que, segundo vejo, não tardará muito a voltar, com a sanha felina de todas as reacções!... Ainda assim, espero em Deus a boa fortuna de escapar a ella, no outro mundo!»*³⁴

Começa por nos contar que conheceu um guarda que lhe contou a triste história do *Cabeça à Banda*, torcionário ao serviço dos absolutistas, que prestava serviço no presídio da Trafaria. Para asseverar da sua veracidade, diz-nos que também o conheceram os seus amigos Zacharias d'Aça, companheiro de caça e Luiz Augusto Palmeirim, que com a sua família, costumava veraneiar na Trafaria. Através desta história e da maneira como a introduz, ficamos a conhecer um pouco da Trafaria, dos finais do século XIX.

O edificio do presídio, que foi tendo diversas utilizações, servira durante a guerra civil de prisão para os *«malhados»*, alcunha por qual eram conhecidos os apoiantes da causa liberal durante o domínio absolutista. O texto faz ainda referência ao dia da Batalha da Cova da Piedade que decidiu a vitória liberal no dia 23 de julho de 1833:

*«Na manhã do dia 23 de Julho, avisaram esta fêra de que o Duque de Terceira estava sobre Corroios. Antes que os presos tivessem a mais leve suspeita, metteu-se n'um bote e atravessou o Tejo. Refugiou-se em casa de altos personagens onde fôra creado, personagens de sangue real, e que se expatriaram logo que o príncipe proscripto foi para o exílio.»*³⁵

Bulhão Pato procura encontrar na memória dos mais velhos e humildes os temas sobre os quais escrever. Ao mesmo tempo, a par da história que relata, deixa transparecer as suas ideias e críticas face às injustiças e ao estado da nação. Por fim fala-nos da Trafaria enquanto espaço de lazer e veraneio, imagem que se viria a perder com o desenvolvimento turístico da Costa da Caparica a partir de meados do século XX.

Religiosidade popular

Sempre atento à vida e ao trabalho das gentes laboriosas, Bulhão Pato era um homem religioso que se compungia com o sofrimento dos mais desfavorecidos e não se conformava com a falta de valores éticos e morais, como nos é descrito por João da Câmara:

«Como homem e como poeta, tolerante para o genio e para a mocidade, nunca apostata, defende, enérgica, eloquentemente, os princípios por que viu sofrer os outros, e, cheio de gratidão os ideaes, que lhe enxugaram tanta lágrima de dôr e lhe abriram tantos risos de alegria. N'essa defeza Bulhão Pato torna-se um pouco estranho para o nosso tempo, sem fé, sem crenças, sem enthusiasmo.»³⁶

Nessa medida, nos poemas escritos na Caparica que referem temas religiosos, Bulhão Pato inspira-se sempre na religiosidade popular e na fé que as gentes do campo e do mar depositam no divino, bem como na forma como expressam as suas devoções. Como exemplo dessa opção poética, temos o poema *Nossa Senhora do Cabo*, no qual utiliza a métrica das loas tradicionalmente escritas por poetas populares e que correspondiam aos diversos momentos do Círio, a saída e chegada ao santuário, o regresso e a entrega da bandeira, cantadas nas romarias ao Cabo Espichel.

Nas loas as quadras eram cantadas alternadamente pelos anjos e acompanhadas pelo povo no refrão. Bulhão Pato No primeiro momento dos Círios, a saída, e através do Primeiro Anjo, Bulhão Pato demonstra o seu grande amor pela Caparica ao frisar que a romaria sai «*da igreja do nosso Monte*» e o respeito pelo povo caparicano e pelas suas convicções religiosas, ao escrever «*Vamos, piedosos romeiros*». Não são simples romeiros são «*piedosos romeiros*» em cumprimento de promessas. O Segundo Anjo então canta a grande devoção do povo a Nossa Senhora do Cabo, que se não for ela a valer-nos, que conhece todas as dores, que sobre uma cruz beijou o filho morto, quem nos valerá?

Na chegada ao santuário pede-se proteção para a população piscatória, «*Só tu és fanal Senhora/de todo este vasto mar [...] Sorrindo as ondas acalmas / Bem-dita sejas, bem-dita*», e para a população rural, «*Também dás norte, na terra / ao perdido*

forasteiro!». Na partida do Cabo, o coro dos anjos, despede-se da Nossa Senhora com a promessa de voltar, «*Adeus, adeus! Voltaremos / outra vez em romaria, / Nós, teus filhos, teus escravos, / Ó Virgem Santa Maria*».³⁷ Este poema retrata fielmente a devoção das gentes da Caparica à Nossa Senhora do Cabo. Em cumprimento das suas promessas de gratidão pelas colheitas e pescarias, rumavam em finais de Setembro ao promontório, onde terá aparecido a imagem de Nossa Senhora, encontrada por uma mulher da Caparica e um homem de Alcabideche. Estas romagens designam-se Círios, em virtude de os romeiros transportarem uma grande vela.

«*Tradicionalmente, o cortejo do Círio era encabezado pelo juiz, que transportava a bandeira, seguido por duas crianças (anjos) montadas em cavalos brancos e trajando como soldados romanos, que entoavam as loas (cânticos dedicados a Nossa Senhora). Seguiu-se a imagem da Senhora do Cabo, transportada de berlinda (apenas no Círio dos Saloios). Atrás vinham cavalos e carroças transportando os romeiros e os músicos.*»³⁸

No poema *Estiagem* ao descrever a seca que assolava os campos da Caparica o poeta faz alusão ao gado que parece orar:

«*O boi bravo, na campina / Erguendo a fronte, parece /Que á Providencia Divina, /Mugindo, faz uma prece!*»³⁹ E ainda uma referência ao ateísmo em confronto com o poder divino presente na natureza: «*Trezentos mil eruditos./Bem debruados de atheus,/Pondo esforços inauditos,/Não deitam abaixo Deus!*»⁴⁰

A mesma ideia transparece no poema *Chuva em Domingo de Paschoa*.

*Maioral ou pastor, homem do campo, em summa,
A consultar o ceu, da infância se acostuma*

*É que, desde o montado aos bagos da semente,
Tudo está sob a mão de Deus omnipotente!*⁴¹



N. SENHORA DO CABO

Casa Oatholica—Lisboa

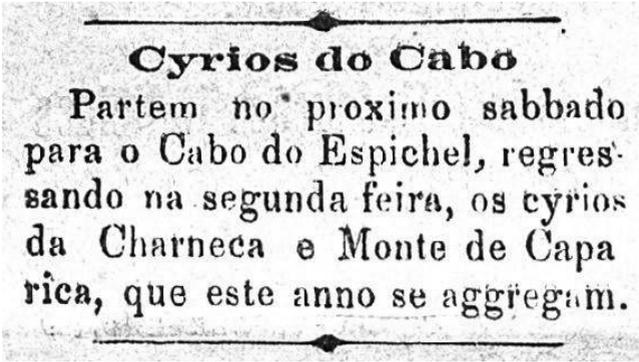
Nos poema *Esmola e Viva da Costa* o poeta alude uma vez mais à devoção dos pescadores à Virgem Maria, através de diferentes evocações e de como se salvou a **companha** das inclemências do mar, e em busca de proteção durante os temporais.

*Por um ai — Jesus! Maria!
Que o barco se não voltava!
Nossa Senhora do Cabo!,
Nossa Senhora da Guia!
Salvou-se toda a companha,
E também la pescaria!*

*Foi a Senhora do Cabo!...
Foi a Senhora da Guia!”⁴²*

*“As ondas, com a tormenta,
Entraram pelo Juncal:
Lá vão os tectos de colmo,
Na fúria do vendaval*

*«Nossa Senhora do Cabo!
Nossa Senhora da Guia!
Mãe de afflictos peccadores,
Vale-nos, Virgem Maria!»⁴³*



Cyrios do Cabo
Partem no proximo sabbado
para o Cabo do Espichel, regres-
sando na segunda feira, os cyrios
da Charneca e Monte de Capa-
rica, que este anno se aggregam.



Conclusão

Após a mudança para o seu retiro na Torre de Caparica, observa-se igualmente uma transformação na escrita de Bulhão Pato, patente na obra que aí escreveu, o Livro do Monte. Procurou-se nos capítulos anteriores demonstrar a incontornável ligação do poeta à Caparica, que mais não fosse, por aqui estar sepultado.

Os testemunhos das vivências da Caparica em finais do século XIX, descritas através das tarefas agrícolas, da faina da pesca, não ocultam as misérias e dificuldades vividas pelas gentes labutadoras, sem qualquer proteção social, sempre à mercê das estações do ano e das intempéries, conquistando arduamente o sustento de cada dia.

Desde cedo que a sua inteligência precoce se fez sentir. Ainda muito novo iniciou o convívio com alguns dos mais eminentes vultos das letras e da cultura portuguesa,

como Latino Coelho, Andrade Corvo, Rebelo da Silva, Almeida Garrett e Alexandre Herculano, entre outros.



Figura destacada no meio literário nacional, marcou a sua época por ser um autor de transição do romantismo, criticado por uns, era bastante respeitado por outros. A sua importância social está documentada nas frequentes visitas à Caparica de amigos e escritores, bem como vários políticos, nomeadamente Afonso Costa. O reconhecimento da

personalidade de Bulhão Pato ficou ainda expresso a quando do seu funeral, estando presentes, além da família, Roque Arriaga em representação do Presidente da República, Júlio Dantas representando o governo, representantes da Academia Real das Ciências, da qual era sócio, homens das letras, gentes do Monte e povoações vizinhas. Tendo os comerciantes do Monte e da Caparica, em sua homenagem, semicerraram as portas dos estabelecimentos.

Em 1973 e na sequência da elevação de Almada a cidade, o Governador Civil e os presidentes das Câmaras Municipais do distrito de Setúbal, ofereceram a Almada uma estátua de Bulhão Pato ou de Columbano Bordalo Pinheiro, promessa que até hoje ficou por cumprir. No concelho de Almada o nome de Bulhão Pato está patente na toponímia em várias artérias, com destaque para a freguesia da Caparica. Aqui dá nome ao largo onde se encontra ainda a casa que habitou nos últimos anos de vida, conforme assinalado em lápide colocada na fachada.

Apesar de ser uma figura em parte esquecida, pelo desconhecimento e pouca importância dada à sua obra literária, espera-se que no âmbito da celebração do centenário da sua morte e na qual se integra a presente edição, seja de algum modo relembrada a obra e a vida desta figura indelevelmente ligada à Caparica e a Almada.

Notas

- 1 Vitor Wladimiro Ferreira, *No Monte com Bulhão Pato*, FCT- UNL, 2000, p.17.
- 2 Bulhão Pato, *Livro do Monte: georgicas liricas*, Typographia da Academia, Lisboa 1896, prólogo.
- 3 *A Semana de Lisboa – Suplemento do Jornal do Commercio*, nº 52, de 31 de Dezembro de 1893, p. 410.
- 4 Ibidem.
- 5 João Barreira, in *Revista do Brasil*, A. IV, nº 33, 3ª fase , Maio de 1941, APUD, Fernando Castelo Branco, “Testemunho Esquecido sobre Bulhão Pato e o seu Retiro no Monte de Caparica”, in *Anais de Almada* nº 11-12, CMA, 2008-2009, p. 178.
- 6 Ibidem.
- 7 Bulhão Pato, *Livro do Monte*, p. 50.
- 8 *A Semana de Lisboa*, op. cit., p. 410.
- 9 Bulhão Pato, *Livro do Monte*, prólogo
- 10 Poema publicado na revista *O Ocidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro*, nº 1212, 30 de Agosto de 1912, pp.187 - 188.
- 11 Bulhão Pato, *Livro do Monte*, p. 72.
- 12 Idem, p.49.
- 13 Idem, pp. 14 – 15.
- 14 Idem, pp.13 – 14.
- 15 Idem, p.73.

- 16 Idem, p.74.
- 17 Idem, p. 25.
- 18 Alexandre M. Flores, António J. Nabais, *Os Forais de Almada e Seu Termo, I. Subsídios para a história de Almada e Seixal na Idade Média*, Câmaras Municipais de Almada e Seixal, 1983, p. 36.
- 19 Bulhão Pato, *Livro do Monte*, pp. 50 – 51.
- 20 Idem, p. 51.
- 21 Idem, p. 67 – 69.
- 22 Idem, pp. 27 – 28.
- 23 Idem, pp. 25 – 28.
- 24 Idem, p. 19.
- 25 Idem, p. 138.
- 26 Idem, p. 37.
- 27 Idem, p.35.
- 28 Idem, pp. 137, 139.
- 29 Francisco Silva, *A Ruralidade em Almada e Seixal séculos XVIII e XIX - imagem, paisagem e memória*, Tese de mestrado em Estudos do Património, apresentada na Universidade Aberta, 2008, p.126.
- 30 Bulhão Pato, *Livro do Monte*, pp. 37 – 38.
- 31 Idem, p.138.
- 32 AHCMA, Livro de Posturas, 1866/B/A/003/ LV001, postura nº 10. APUD, Francisco Silva, op. cit., p. 85.
- 33 Bulhão Pato, *Memórias: Scenas de Infância e Homens de Letras*, Tomo I, Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa 1894, p. 45
- 34 Idem, pp. 45 – 46.
- 35 Idem, pp. 49 – 50.
- 36 *A Semana de Lisboa*, op. cit. p. 409.
- 37 Bulhão Pato, *Livro do Monte*, p. 207 – 209.
- 38 Francisco Silva, *Nossa Senhora do Cabo e os Círios da Caparica*, Juntas de Freguesia de Caparica, Costa, Charneca, Sobreda, Trafaria, 2007, p. 9.
- 39 Bulhão Pato, *Livro do Monte*, p.69.
- 40 Idem, p. 69.
- 41 Idem, pp. 27,28
- 42 Idem, pp. 37 - 38
- 43 Idem, p. 138.

Bibliografia

- ARCOS, Conde dos, *Caparica Através dos Séculos*, CMA, Almada, 1972.
- BERNARDO, Luís Filipe Azenha, “O Desenho e a Construção do Espaço Público – Caso de Estudo: Costa da Caparica”, in *Anais de Almada* nº 11-12, CMA, 2008-2009, pp. 209-302.
- BRANCO, Fernando Castelo, “Testemunho Esquecido sobre Bulhão Pato e o seu Retiro no Monte de Caparica”, in *Anais de Almada* nº 11-12, CMA, 2008-2009, pp. 173-178.
- FERREIRA, Vítor Wladimiro, *No Monte com Bulhão Pato*, FCT- UNL, 2000.
- FLORES, Alexandre M., NABAIS, António J. *Os Forais de Almada e Seu Termo, I. Subsídios para a história de Almada e Seixal na Idade Média*, Câmaras Municipais de Almada e Seixal, 1983.
- PATO, Bulhão, *Livro do Monte: georgicas líricas*, Typographia da Academia, Lisboa 1896.
- PATO, Bulhão, *Memórias*, Tomos I a III, Typographia da Academia Real das Ciências, Lisboa 1894-1907.
- SOUSA, R. H. Pereira de, *Almada Toponímia e História*, CMA, 2ª ed, 2003.
- SILVA, Francisco, *A Ruralidade em Almada e Seixal séculos XVIII e XIX - imagem, paisagem e memória*, Tese de mestrado em Estudos do Património, apresentada na Universidade Aberta, 2008.
- SILVA, Francisco, *Nossa Senhora do Cabo e os Círios da Caparica*, Juntas de Freguesia de Caparica, Costa, Charneca, Sobreda, Trafaria, 2007.
- SILVA, Francisco, “Moinhos de Vento no Concelho de Almada”, in *Anais de Almada* nº 11-12, CMA, 2008-2009, pp. 139-171.
- VAZ, Artur, *Bulhão Pato Esboço Bio-bibliográfico*, Junta de Freguesia da Charneca de Caparica, 1996.

Artigos de Imprensa

A Semana de Lisboa – Suplemento do Jornal do Commercio, nº 52, de 31 de Dezembro de 1893.

Revista Brasil – Portugal, nº 327, 1 de Setembro de 1912.

Revista O Ocidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro, nº 1212, 30 de Agosto de 1912.

Jornal O Puritano: jornal politico, noticioso, commercial, scientifico, literario e artistico, 1889 - 1907.

Jornal A Realeza: folha politica, religiosa, annunciativa e noticiosa, 1882 – 1884.

Glossário

A flux: Em abundância.

A rodo: Em grande quantidade.

Abicar: Ancorar.

Aguilhada: Vara comprida com ponta de ferro, que serve, para picar os bois

Alfobre: Viveiro, parcela de terreno destinada à sementeira de vegetais, antes de serem dispostos (transplantados).

Almanchar: Cerca à volta da casa ou a um dos lados, onde se estendiam as esteiras onde secavam os figos.

Almaraz: Aos montes que vêm do Pontal de Cacilhas até à Trafaria, chamam, de tempos immemoriaes, almaraz. (Bulhão Pato)

Alpestre: Montanhosa.

Aquilão: Vento norte, violento.

Arinto: Casta de uva branca.

Armento: Rebanho de gado vacum.

Arte Xávega: Sistema de pesca tradicional de arrasto para a praia. Ainda hoje é utilizada na Costa da Caparica.

Asperrimas: Asperas, cruéis.

Bacelada: Plantação de bacelos. Vinha nova.

Balsa: Dorna em que fermenta o mosto e os resíduos das uvas.

Bardo: Espécie de curral móvel onde, de noite, ficam as ovelhas para estercarem a terra.

Branduras: Orvalhadas ou muito leves chuvas de primavera e outono (Bulhão Pato).

Cachopos: Escolhos, baixios.

Canícula: Temperatura atmosférica alta.

Capitoso: Que sobe à cabeça.

Caramelos: Trabalhadores sazonais oriundos da Beira.

Carreira: Corrida veloz.

Casal agrícola: unidade constituída por casa de habitação e dependências agrícolas com terreno para manutenção de uma família rural.

Chascos zombeteiros: Gracejos satíricos.

Colgar: Pendurar.

Colmar: Variedade de pêra serôdia (que aparece no fim da estação própria).

Companha: Conjunto de pessoas que participam na atividade da pesca no mar e em

terra associados a um barco de pesca.

Dardejar: Projetar cintilações, raios luminosos.

Dornas: Grandes vasilhas de aduelas em madeira, sem tampa, destinadas à pisa das uvas ou ao seu transporte para o lagar.

Echos nemoraes: Ecos dos bosques.

Espadeiro retinto: Casta de uva preta que faz um vinho tinto carregado.

Estiagem: Tempo seco.

Extreme/Estreme: Puro.

Fanal: Fogo que se acende de noite, nas costas marítimas ou à entrada dos portos. Guia.

Faniqueiros: Trabalhadores a dias. Fazem qualquer tarefa por baixo salário.

Fato miúdo: Rebanho, especialmente de cabras.

Fulva: Aloirado, amarelo tostado.

Ganhão: Aquele que, para viver, lança mão de qualquer trabalho.

Idyllio: Pequena composição poética ordinariamente campestre ou pastoril.

Inda lhe dá de rosto: Resiste.

Jornaleiro: Aquele que trabalha à jorna (jornada/dia de trabalho).

Juncal: Campo de juncos.

Labrusca: Variedade de uva preta

Lampo: Temporão. Que amadurece primeiro.

Latagão: Homem robusto.

Lestia: Vento de leste.

Maioral: Chefe dos pastores.

Nédio: Anafado, gordo.

Opímas: Abundantes.

Pascigo: Pastagem.

Postre: Sobremesa.

Prear: Apanhar.

Procella: Temporal.

Quinchoso: Quintal.

Rabusca: Procurar na vinha os cachos que escapam aos vindimadores.

Racimo: Cachos de uva.

Rescendentes: Aromáticos.

Retoiçar na areia: Comer brincando.

Rútilos: Brilhantes

Sazão: Estação do ano.

Surribar: Escavar a terra para que melhorem as suas condições de fertilidade.

Tália: Casta de uva branca.

Trindades: Fim da tarde, hora de toque Das Avé Marias.

Tulha: Lugar onde se guardam os cereais em grão.

Umbrifero: Sombra.

Valor e Lidar: Coragem e trabalho.

Vento mareiro: Vento do mar. Propício para a navegação.

Vesana: Delirante, insensata.

Anexos

**SETEMBRO
ESTIAGEM
VERANITO DE SAO MARTINHO
CHUVA EM DOMINGO DE PASCHOA
O CASAL DA ENCOSTA
OS TEMPORAES
VIVA DA COSTA!
ESMOLA!
NOSSA SENHORA DO CABO
NAS ARRIBAS DO MAR
O CABEÇA Á BANDA**

SETEMBRO

A Manuel Pinheiro Chagas

No chão rojam da cepa os cachos rescendentes.
Caindo, de manhã, branduras mais frequentes,
Bem podes acudir a vasilhame novo,
Vender vinho de graça e do melhor ao povo.

Espadeiro retinto, ha muito me não lembro
Vel-o tão grado e bom, na entrada de setembro;
Mas o arinto, talvez, inda lhe dá de rosto:
É repisal-o extreme, e então verás — que mosto!

Nem mesmo a amigos teus, e da maior estima,
Não tendo no lagar o fructo da vindima,
Me consintas na vinha entrada a caçadores.
- Eu fallo contra mim, que sou dos amadores,
E é pena—que a perdiz levanta-se, pintada,
Co'a prole atraz de si, por uma bacellada!

Bem assombrado outono ! Assim o sol estivo
Appareça nublado, e caia menos vivo;
Que, se aperta o calor e seguem logo as chuvas,
Não tens praga peor para arrasar-te as uvas!
Mas não succede tal; findaram as nortadas;
Veiu o vento mareiro e as noites orvalhadas.

Fructa que dá no tarde, apressa-te com ella,
Que ás vezes cae no outono a súbita procella:
Vem própria para cama, e pelo inverno dentro
Tens a pêra colmar, sem maculas no centro.

Muscatel de pendura, em quanto o tempo brando
Lhe não estala a pelle, a debes ir colgando
Aproveita também o figo que restar,
Para o passar ao sol, disposto no almanchar.

Como é bom respirar por esses campos fora!
Gado, é raro de ver, nédio como este agora!
As vaccas mostram bem o farto do pascigo,
No tardio avançar ao seu agreste abrigo,

A ovelhada lá vem, antes que feche a noite,
A procurar, balando, o bardo, onde se acoite;
E, aos silvos do pastor, redobra na carreira,
Levantando da estrada, em nuvens, a poeira.

O cabrito saltão, parece-me que o vejo
Do escarpado almaraz vir de roldão ao Tejo.

O remoto casal começa a fumegar.
São trindades. O sol afunda-se no mar ...

O dias, que lá vão! O apartados dias
Da minha ingénua infância e santas alegrias!
O rútilos clarões da fulva mocidade!
Tudo quanto acabou revive na saudade!
Bem dita sejas tu! — Finda a esperança, agora
Do passado nos dá o que foi bello outr'ora!

Vamos encosta acima. O olhar grato se espraia
Pelo umbrifero vai, que vae bater na praia.

Nos echos nemoraes a voz das raparigas
Celebra o terminar d'asperrimas fadigas;
Mas n'aquelle gorgear, embora alegre, existe
Um vago lembrar d'alguma coisa triste!

Na canção popular ha sempre, lá no fundo.
Uma nota da cruz, que o povo tem no mundo!

Setembro, 87.

Livro do Monte, georgicas liricas, Typographia da Academia, Lisboa 1896, pp. 49 - 52

ESTIAGEM

A Manuel Bento de Soisa

O Mar quieto. — Apenas vem
A vaga da maré cheia,
Na Costa, que fica além.
Roçar a espuma na areia.

Rufando as pennas doiradas,
Vam as calhandras, palreiras,
Preando insectos, coitadas,
Por não ter um grão nas leiras!

O azul é denso; a luz viva.
O sol referve no mar,
Como na estação estiva.
Virá o tempo a mudar?

O lavrador pensativo -
Menos triste co'a esperança
Que este calor excessivo
Traga, de facto, a mudança.

Mas, quando rompeu o dia,
Era nitido o recorte
Do sol, e uma aragem fria
Vinha do lado do norte!

A lua, nas pontas curvas.
Não tem um ligeiro veu.
E nunca as estrelas turvas!
E sempre lúcido o ceu!

Depois de passado abril,
D'um anno assim não me lembro;
Nem a orvalhada subtil
Cae ! — E vamos em novembro!

Levou a ferocidade
Da canicula fatal
A minguada novidade
Da vinha e mais do olival!

É que o sol triumphador,
Em seis mezes de estiagem,
Vae, como um conquistador,
Devastando na passagem!
O ganhão da Beira alpestre
Chegou da nativa serra,
Para o trabalho campestre.
Mas como amanhar a terra?

Não entra com ella o arado!...
Queimado o tojal nos montes!
Morto, á fome e á sede, o gado!
Seccas ribeiras e fontes!
O sol alto a dardejar,
Abrazou o prado e a selva!

E o cordeirito a balar,
Sem ter um palmo de relva!

Não se ouvem cantar as noras...
Nem, no alfobre, umas verduras!
Vem repontando as auroras,
E cada vez vem mais puras!

O frio augmenta. Já silva,
Às refregas, o aquilão!
Nem no vallado uma silva.
Para o cabrito saltão!

Atraz da vacca a novilha.
Já não pula na lezira!
A mãe não sustenta a filha.
Que o leite se lhe exaurira

O boi bravo, na campina
Erguendo a fronte, parece
Que á Providencia Divina,
Mugindo, faz uma prece!

E até se dirá que tem,
Claramente, proferido
O próprio nome de mãe,
No doloroso mugido!

Sempre coisas mysteriosas
Nas mais triviaes verdades!...
Porque são joviaes as rosas,
E tão tristes as saudades ?
Canta, á tarde, um passarito —
E aquelle singelo idyllio,
Quem lh'o inspirou, do infinito,
Como um poema a Virgílio?

Trezentos mil eruditos.
Bem debruados de atheus,
Pondo esforços inauditos,
Não deitam abaixo Deus!

O lavrador crê e espera!
Hoje o sol, ao mergulhar,
Levava enturvada a esfera,
E ao largo bradava o mar!

Morto o vento, de repente!
Tejo dentro, a calma!
Uma barra no ponente,
E, do nascente, a lestia!

Já retoçaram na areia
Os maçaricos da praia.
Trouxe um circo a lua cheia
Não tarda que a chuva caia!

Novembro, 90.

Livro do Monte, georgicas liricas, Typographia da Academia, Lisboa 1896, pp. 65 - 70.

VERANITO DE SAO MARTINHO

Completamente azul o curvo firmamento!
Para o fato miúdo e para o grosso armento,
Anno promettedor. Já no casal descubro
As relvas a pungir, co'as aguas d'este oitubro.

Praza a Deus que não minta o que hoje se afigura,
E que produza bem a próxima cultura!

O mildio cada vez com mais furor ataca!
O vinho fundiu pouco, e a qualidade é fraca.
Não andaram, sequer, os moços á rabusca,
Que não ficou esgalha, embora da labrusca!

O trigo e milho escasso. O resto a pouco monta.
Porém como a sação de bom cariz aponta,
Resurge, lavrador! pega-te a São Matheus;
Deita mão á aguilhada, e vae lavar com Deus!

Quando o cacho abundava, em prosperas vindimas,
Para todo este sitio eram glorias ótimas!

Da talía, do espadeiro e do doirado arinto,
A rodo, até fartar o pobre mais faminto!
Inda estrelas no ceu e já, pelas estradas.

Os carros a gemer co'as dornas atulhadas!

Na testada dos bois, pulando o rapazio,
Repleto de trincar o bago luzidio!

Depois, estreme e rubro, a encher a transbordar,
O sangue do vinhedo, as cubas do lagar!

Para ter um licor mais tinto e avelludado.
Era curtir na balsa o racimo pisado.

Que mosto! O cheiro só bastava aos lagareiros!
E a adegas!... um carnaval de chascos zombeteiros!

Vindo o frio a apertar, logo no São Martinho,
Não havia ter mão — era provar do vinho!
E para fazer bocca, e se beber sem susto,
A castanha a aloirar, na cinza do magusto!

Agora onde é que vão esses risonhos dias?...
Lucros no campo maus, e más as pescarias!

Se a invernia desaba, e vae de valle a monte,
Ou se a estiagem cae, seccando o prado e a fonte!

Mas valor e lidar! Lidar, que anno bemdito
São Martinho nos traz no alegre veranito!

Oitubro, 93

Livro do Monte, georgicas liricas, Typographia da Academia, Lisboa 1896, pp. 13 - 16

CHUVA EM DOMINGO DE PASCHOA

Vinha março a pintar, que era um regalo o campo,
Desde a vinha opulenta até o figo lampo! —
Que ao postre, em junho abrindo, ao lado das cerejas,
Triste mesa será aquella, em que o não vejas.
Tudo, a flux, promettia um anno creador!

Porém entra a estiar, a cair o rigor
Do ríspido nordeste, e a geadas — um flagello,
Não sendo na sazão. O trigo, já tão bello.
Nos altos dos casaes, o faval succulento —

Que é remédio do pobre e remédio do armento —

Começam-se a sentir, e, se não vem branduras,
É contar que se vão as prosperas culturas!

Tinham dado ao pomar as caudaes da invernã
Pujança na raiz, e reflorente abria;
Mas a mimosa flor, faltando-lhe a orvalhada.
Não pode resistir, e pende ao chão queimada!

A festa, para nós, pouca alegria traz;

Se á cozinha dá graça o loireiro vivaz;
Se o cordeiro paschal já foi a degolar...
Correndo o tempo assim, fraco festim no lar!

Dizia isto comsigo o lavrador, coitado,
Suppondo ver em breve o campo devastado!

Hontem saltou ao leste o vento, de repente
Era quasi sol posto e nublado o ponente.

A noite a recrescer de aspecto laciturno,
E o mar, lá muito ao longe, a reclamar, soturno!

Um clarão salvador fulgiu aos camponezes.
Podia qualquer agua evitar mil revezes!

O próprio jornaleiro, a quem faltava o ganho,
— Que a crueza do chão não consentia amanho-
Deitava, esperançado, olhos ao firmamento.
Vendo que mais ao sul já se fazia o vento.

Maioral ou pastor, homem do campo, em summa,
A consultar o ceu, da infância se acostuma

É que, desde o montado aos bagos da semente,
Tudo está sob a mão de Deus omnipotente!

Hoje, de madrugada, as bâtegas, seguidas,
Entravam a cair, do vendaval batidas...

A refrega passou, e, serena e constante,
A chuva agora vem mais propicia e abundante.

Dir-se-ha que o milharal vae a crescer a palmos!
Se depois d'esta rega acodem dias calmos.
Isso é dar, no verão, fructa a rodo e de graça!
A fructa no mercado ha tanto tempo escassa!

Paschoa — que o lavrador sombria calculava,
De súbito mudou! É procurar na cava —
Herança dos avós — o capitoso arinto,
Talvez inda melhor: espadeiro retinto!

Como o frio inda morde, accender a lareira,
Abrir o garrafão, coberto de poeira;
E saudes depois, saudes ruidosas,
Emquanto a chuva cae, á Paschoa, que é de rosas!

Março, 94

Livro do Monte, georgicas liricas, Typographia da Academia, Lisboa 1896, pp. 25 - 29.

O CASAL DA ENCOSTA

A António Cândida

Sobre o viso do monte, e dominando o val,
Alveja o casalito, ao rez d'um pinheiral.
Quando coube em partilha ao dono que o cultiva,
Era tudo um sarçal; mas tinha agua nativa,
E terreno também de boa condição.

O dono, inda rapaz, um fero latagão,
Deitou-se a trabalhar, e não largava a enxada,
Desde que o, sol rompia á noite já cerrada.
Pouco depois casou. A sua companheira
Não lhe ficava atraz como mulher fragueira.

N'um casal solitário, embora o passaredo,
Logo pela manhã, chilreie no arvoredado,
É precisa outra voz, a voz duma creanca!

Nasceu-lhes uma filha. Inda com mais pujança
O pae lidava só no seu torrão estreito:
A mãe trazia agora a creancita ao peito.
Tinha bom lançamento a nova bacelada —
Era o grande remédio! — o pão não deixa nada.
Mas pôr vinha de manta em chão barroso e duro,
E canceira cruel! Co'a mira no futuro.

Com os olhos na filha, e trabalho inaudito,
Logrou tornar rendoso o breve casalito.

Foi crescendo a pequena. Houve uns annos seguidos
De colheita feraz; os vinhos bem vendidos-
O parco lavrador, fazendo economias,
Sonhava no porvir mais descançados dias!

Sonhar, sonhar, sonhar!... Não ha senão sonhar
Co'as coisas ideaes! — a peste é o despertar!—
Sonlia o bronze também, saudando os desposados:
Acorda! e dobra. . . E dobra o dobre dos finados!

Veiu um dia nublado, e ao mesmo tempo quente.
Aquillo foi um raio! — O mildio, de repente.
Como a chamma voraz, lavrou! Tudo queimado;
Parra e cachito em flor! Um anno desgraçado!

Ao mildio succedeu, raivando, o phylloxera,
E arrazou-lhe o vinhedo, aquella besta fera!

Ha dois dias passei pelo Casal da Encosta.
A tarde era um encanto! O mar quedo na Costa!
Na soleira da porta, avisto o lavrador,
Sentado e taciturno.
— «Então, ó Salvador?...
— Isto, agora, o remédio é deitar mão á enxada;
Mas o trabalho falta, e não fazemos nada!

Apertou a cabeça entre os punhos cerrados,
Co'as lagrimas no peito — irmãs dos desgraçados!

A um lado da lareira, apagada e sombria,
A mulher, a cantar, a filha adormecia!

Que singular poder tinha o mavioso canto...
Era alegre a canção, porém a voz um pranto!

Maio, 96.

Livro do Monte, georgicas liricas, Typographia da Academia, Lisboa 1896, pp. 71 - 74.

OS TEMPORAES

Logo entradas de outono, as aguas, desabando,
Tinham fartado o chão. Veiu tempo mais brando;
Depois dias de sol...

Propicio se pintava
Este anno ao lavrador; por toda a terra brava
Os hervaçoes a flux! Ao terreno adubado,
Sem canceira dos bois, era metter o arado.

Campeavam, largo e frio, o limpido nordeste,
E, toda azul ferrete, a abobada celeste
Contente, a surribar, o cavador de enxada
Tinha salário bom, dispondo a bacellada.

Nem no próprio verão, com o trigo abundante,
O vinhedo avergado, e o pomar odorante,
Tem o campo alegria e reflorir d'esperança,
Como no pleno inverno, em dias de bonança!

A esperança, a esperança!... O mar longe, movido
Solta, de quando em quando, um lúgubre gemido...

Altaneira a gaivota, e manso, á beira mar,
O maçarico esperto; o corvo a crucitar;
Amarellado o sol, e túrbido o ponente;
Nublada, toda em volta, a lua no crescente:

Parada a viração... E súbita, e violenta,
Cae a refrega austral, a nuncia da tormenta!
Pesado estoirá o mar, pelo areal da Costa;
Sibila, range, estrala, o pinheiral da encosta!

No seu regresso ao lar, do trabalho diurno,
Entra em casa o ganhão, calado e taciturno.

A chuva sem cessar; as aguas torrencias
Ameaçam, rolando, arrasar os casaes

A lareira sem lume, a tulha já sem pão,
E urrando, lá por fora, o negro furacão!

O pescador da Costa abandona a cabana;
Deixa filhos, mulher!... Na carreira vesana

Vae perguntar trabalho, e sem poder lograr
Companha, que se afoite ao truculento mar

A levada do monte augmenta a cada instante;
Não tarda a inundação!... Troa o ceu lampejante!

Sobre a torre da egreja, o raio assolador
Não respeitou, caindo, a cruz do Redemptor!

Nem dos filhos, sequer, as pobres mães, afflictas,
Podem corar ao sol as húmidas roupitas!

Não lhes dá o quinchoso, em lago transformado,
Um remédio qualquer, que levem ao mercado!

Se desponta um bom dia, o mar, nos outros dias.
Roncando, a rebentar nas broncas penedias!

Então o camponez, vendo o lar exaurido,
Estende a mão á esmola, entre altivo e abatido!

Março, 95

Livro do Monte, georgicas liricas, Typographia da Academia, Lisboa 1896, pp. 17 - 21

VIVA DA COSTA!

Vem a sardinha, empilhada,
Inda saltando vivaz,
Vem de cestinha avergada;
E lá de baixo, da praia,
E sobe a pino o almaraz;
Mas nem por sombras cançada!

Faz vista de nova a saia,
Corada ao sol e puxada!
Descalça — o pé regular,
E brunido pela areia
D'essas arribas do mar.

Não se pode chamar feia.
Descaída e longa a trança;
Aífrontada de calor,
O lencito desatado;
E os beiços com tanta côr
Como a dum cravo encarnado!

A mocidade é uma flor!

Magrinha — mas que vigor
No seu passo de balança!...
E, para apressar os passos,
São duas azas os braços!

A venda deve ser boa,
Que ha muito que o mar não dá.
Com que alvoroço apregoa:

«Sardinha fresca!... frês-quiá!...»

Vem as outras companheiras
Mais atrasadas. Avante!
Ao Monte, por essa encosta!
Ao Monte, ao Pragal, e adeante,
Que ha muito que o mar não dá!

« Sardinha frescal... da Costa!
« Viva da Costa!... frêsquid!...»

O pae andou labutando
Por toda a noite! Puxava,
Mal vinha rompendo o dia,
O mar com fúria tamanha!...

— «Por um ai—Jesus! Maria!
Que o barco se não voltava!
Nossa Senhora do Cabo!,
Nossa Senhora da Guia!

Salvou-se toda a companha,
E também a pescaria!

Foi a Senhora do Cabo!...
Foi a Senhora da Guia!

Ao monte, por essa encosta.
Que ha muito que o mar não dá!
«Sardinha fresca!... da Costa!...»
«Viva da Costa! Frês-quid!...»

Abril, 93

Livro do Monte, georgicas liricas, Typographia da Academia, Lisboa 1896, pp. 35 - 38

ESMOLA!

Mezes e mezes de inverno,
E nem uma rede ao mar!
Isto é que é ver a miséria,
Sem a poder amparar!

As raparigas não correm,
Com as cestas avergadas,
Gritando: «Viva da Costa!»
Pedem esmola, coitadas

Os paes, deixando as cabanas,
Procuram dar volta á vida;
Mas, como afoitar um lance,
Se é tudo costa batida!

As ondas, com a tormenta,
Entraram pelo Juncal:
Lá vão os tectos de colmo,
Na fúria do vendaval!
— «Nossa Senhora do Cabo!
Nossa Senhora da Guia!
Mãe de afflictos peccadores,
Vale-nos, Virgem Maria!

Tu geraste, em nossos peitos,
O leite do amor materno;
Tudo nasce, e nada morre,
Com o teu amor eterno!»

Assim as mães erguem preces,
No rigor do furacão;
E os filhos, todos em roda.
Chorando e pedindo pão!

Não carregamos as tintas
D'este quadro pungitivo;
Que elle, na própria verdade,
E' mais tocante e mais vivo!
Esmola, em versos humildes.
Imploramos nós também,
Para as pobres mães da Costa,
Por alma de quem Deus tem!

Abril, 95

Livro do Monte, georgicas liricas, Typographia da Academia, Lisboa 1896, pp. 137 - 139.

NOSSA SENHORA DO CABO

Ao Padre José Quaresma de Paula

A SAÍDA DO CYRIO PRIMEIRO ANJO

Mãe de Deus! Virgem Santíssima!
Rosa Mystica da aurora,
Estrella da madrugada,
Da terra e dos céus Senhora!

Da igreja do nosso Monte,
Vamos, piedosos romeiros,
Levar-te ao Cabo, onde guias,
Alta noite, os marinheiros!

Que tu dás, Virgem Maria!-
Entre sorrisos e flores —
Esperança aos desgraçados,
E perdão aos peccadores!

SEGUNDO ANJO

Um dia, sobre uma cruz,
Beijaste teu filho morto!
Conheces todas as dores,
Para todas tens conforto!

A mãe que vê nos seus braços
Um filhinho moribundo,
Se não se apega ao teu manto,
Quem lhe ha de valer no mundo?!

Agora, mais do que nunca.
Necessita Portugal,
Que lhe protejas seus filhos,
Padroeira celestial!

Portugal, onde tens sempre
Teus floridos sanctuarios!

Portugal, ameaçado
Pelos herejes corsários!

CORO DOS ANJOS

Romeiros, ávante, ávante!
Na piedosa romaria.
Levamos por companhia
A Virgem Santa Maria !

CHEGADA AO CABO PRIMEIRO ANJO

O' mar das aguas sem termo,
Do constante labutar!...
Só tu és fanal Senhora,
De todo este vasto mar!

Só tu, com teu manto azul,
Morenita, morenita,
Sorrindo, as ondas acalmas!
Bem dita sejas, bem dita!

Nasce do lado do norte
Sempre o musgo no pinheiro!
Também dás norte, na terra.
Ao perdido forasteiro!

PARTIDA DO CABO CORO DOS ANJOS

Adeus, Senhora do Cabo!
Fica-te agora em teu ermo,
Vigiando os navegantes,
Por essas aguas sem termo!

Adeus, adeus! Voltaremos
Outra vez em romaria,
Nós, teus filhos, teus escravos,
O' Virgem Santa Maria !

Maio, 90

Livro do Monte, georgicas liricas, Typographia da Academia, Lisboa 1896, pp. 205 - 209.

NAS ARRIBAS DO MAR

Há dias, abrindo o jornal – “A caça” – deparou-se-me um artigo intitulado: *Législation sur la chasse*. Dizia: ...”Je revois encore les dunes sauvages qui s’étendent de Trafaria à Costa, où j’ai fait ma première classe avec Bulhão Pato; les rizières e les cotes du vallon d’Apostiça, etc. “

O artigo era de Sampayo Osborne, que esteve em Portugal cerca de 25 annos; rapaz muito intelligente, illustrado, de família do conde da Povoia e primo da casa Palmella. Caçador de sangue. Um desastre varou-lhe com um tiro, em França, uma das mãos, não sei se a esquerda, se a direita. Continuou, apesar d’isso, a ser espingarda de primeira ordem, e, o que é mais, ao piano primoroso artista.

Durante largo tempo bateu as tapadas e montados com os reis do throno e os reis da caça.

É provável que não o torne mais a ver. D’aqui lhe envio um cordial e saudoso aperto de mão.

Em 1859 José Augusto Sacotto Galache e eu principiámos as nossas caçadas no Juncal da Costa. Pelas arribas as perdizes saltavam aos bandos; na planura as codornizes, as narcejas e outra caça de arribação abundantíssima. Viviamos em Buenos-Ayres.

No inverno, noite ainda, Lourenço da Pinha estava no caes de José Antonio Pereira, com os seus tres filhos: o mais velho José, o segundo João, o terceiro Francisco, este muito mocinho ainda para as fainas da travessia do Tejo, ás vezes bravia. É piloto da Barra há já muitos annos. Lourenço da Pinha nascera em Olhão, terra de marítimos, que folgam com o esbravejar das ondas como as aves marinhas. Moço veio para Belem, e, ora com a mão no leme e na escota, ora no punho do remo, sempre de animo folgazão, coartada prompta e verboso como algarvio, lá foi mareando o barco, sustentando a mulher e creando os filhos. Morreu há bastantes annos, mas por todo o bairro de Belem e por todo este almaraz lhe relembram o nome honrado e bemquisto.

José Augusto Galache, sem jactâncias nem farroncas, era um rapaz que não tinha medo do diabo á meia noite. Agora lá está na sua propriedade do Freixo, ao pé de Valle

de Lobos, tratando da sua lavoira, beijando a terra para manter as forças, sempre jovial e gentil-homen. A bravura e galhardia do cabo de forcados nas toiradas de amadores no Campo de Sant'Anna foi tal que ainda hoje corre na lenda entre os novos.

Um dia, em Dezembro, véspera de Nossa Senhora da Conceição, embarcámos, noite cerrada ainda, com Lourenço e seus dois filhos mais velhos. Tempo sêcco, sem vento, e intensamente frio; a geada cahia em carambinas. Prôa ao Torrão. Lourenço da Pinha, expansivo, animava os filhos:

- Vamos, rapazes, de voga arrancada, que é para aquecer.

Havia aguas de monte, e o barco, mal vinha clareando, abicou defronte da quinta do Miranda.

Os dois rapazes acompanharam-nos, e o pae ficou guardando o barco à nossa espera. Os terrenos planos e á beiramar do Juncal eram lenteiros, enchabocados, como dizem os homens os homens do campo e os caçadores. Nós tínhamos dois cães soberbos: o Black de José Augusto e o meu Faliero. Ambos muito bem parados, cobrando de ferido, e trazendo á mão toda a espécie de caça. Depois do ímpeto da primeira batida sentámo-nos n'um medão de areia, acudimos ao almoço, que vinha nas redes, e matámos a fome. Engolfámo-nos Juncal dentro. Quando demos por nós estávamos muito adeante das barracas da Costa.

O estômago não tinha a mais leve memória do almoço; a ambição de caçar no dia seguinte não nos mordía menos do que o apetite voraz. Resolvemos ficar; mas ficar aonde e comer o quê? Á sorte.

Entrámos na povoação. Tudo choças de colmo; muitas levantadas sobre o arcaboço de um velho barco. Uma casa de um só andar, com armas reaes, bojudas como o abdome do ladino e bondoso monarca D. João VI, que foi allí por mais de uma vez.

De pedra e cal meia dúzia de casitas mais, quando muito. Iamos andando por aquelle labirinto de cubatas e á porta de um ferrador demos com uma rapariguita dos seus dez annos, de cara insinuante, vestido de chita, meias muito brancas, sóccos, cabelo em trança e bem tratado.

- Ó pequena, olha lá. Haverá aqui alguma casa onde se possa ficar e se coma alguma coisa?

- Pois não há, meus senhores! ... É a tia Maria Rita do Adrião, accrescentou, dando á sua voz crystallina certa expressão que indicava a grandeza da personagem a quem se referia.

Levou-nos á Tia Maria, e tal foi o agasalho que por mais de trinta annos frequentei aquella casa com o melhor dos meus amigos. A Claudina, a rapariguita que fora a nossa salvação e a nossa guia, passados tempos casou, e, já mãe de filhos, depois de eu estar n'este Monte, morreu, coitada, de uma pneumonia. Maria Rita do Adrião vive ainda; há dois annos que veio visitar-me, na sua burrita, muito lépida, com os seus noventa e três. Teve sempre boa estrella; até na sua visita a minha casa o azar apenas lhe deu um rebate falso. Quando voltava para Costa perdeu um brinco, que mão piedosa achou e foi logo annunciar no Seculo.

Depois de devorarmos o jantar e pelos barqueiros mandar aviso aos nossos, sol alto ainda, sahimos até á praia. Era véspera de Nossa Senhora da Conceição,

a grande festa annual da terra. Os habitantes é que estavam descoroçoados e tristes; a sardinha, a famosa sardinha de salga, não tinha dado nada ou quasi nada. Mais uns dias de escassez e lá se iam as esperanças... o pão por muito tempo! Mar calmo. Na crista dos médãos, homens, mulheres, rapazes, mudos, immóveis, olhos cravados na companha, que lá muito ao largo vinha regressando. De manhã os alcatrazes, de aza fechada, cahindo do alto como raios, picavam a flôr das aguas, indicio de grandes negras de sardinha. Pelo cariz do tempo, o lanço devia de ter sido grande. Chegaria a salvamento, ou reventaria o sacco?! Silêncio é signal de grande preocupação de espírito nos moradores de povoações marítimas, tão vivos e loquazes.

Ao rez do mar grandes grupos moviam-se visivelmente inquietos. Com o sol, que já no ponente batia o areal, aquellas figuras pareciam tomar proporções giganteadas, cingindas de nimbos de oiro. O sol, as montanhas, o mar, as soberbas paizagens, em vez de apoucarem o homem, engrandecem-no. N'uma linha de fortificações ondulada de montes e crespa de píncaros, antes de romper o assalto, os ajudantes das ordens, cruzando-se na carreira, a dois exércitos podem afigurar-se hypogriphos phantasiados pela veia fecunda de Boiardo ou de Ariosto. A paizagem parece dar e receber, ás vezes, commoções tragicas. O facto é que exerce nos espíritos acção profunda, embora ignota. Uma tempestade, nas serranias ou no oceano, improvisa heroes, como os relâmpagos das espadas e o trovão das baterias no campo de batalha.

À beira da água principiou a correr um torvelino, levantando pyramides de areia. De repente uma lufada subita correu violenta. Os prodomos do furacão teem rugidos dolorosos como os do leão na entrada da febre. Daria n'uma tempestade? Quantos corações ficaram apavorados em tal momento!

Os barcos approximaram-se de terra. A multidão silenciosa. A vaga alta como de mar movido ao longe, embora não arrebatada. N'um ai tudo salvo ou tudo perdido! O sacco ... a montanha de prata, estava a salvamento na praia. Raros olhos ficaram enxutos vendo rebentar a alegria d'aquelle povo!

O sol, disco de fogo, tocava a superficie das aguas, que serenavam, passada a borrasca ephemera, permitindo que olhos humanos se cravassem no seu occaso esplendido. Em breve a linha arenosa e já desmaiada, que segue até ao Cabo, a bahia de Cascaes, os picos de Cintra, os montes e povoações do norte, o Tejo dormente, desvaneciam-se no breve crepúsculo das tardes de inverno. O pharol do Espichel, girando as suas aspas de fogo intermitentes, parecia abrir sulcos luminosos pelo mar levemente enrugado. Bugio e S. Julião accendiam-se. As estrellas estremeciam no firmamento límpido. Noite coroada de lumes. A aragem era um alento virginio, e a vaga na praia um suspiro amoroso. As redes voltaram ao mar. A companha bradou a uma só voz:
- Avé, Maria puríssima!

Monte, 1904

Memórias, Tomo III, Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa 1907, pp. 375 - 384.



O CABEÇA Á BANDA

Deve andar por uns quinze annos, que eu, logo nas entradas de Setembro, costumava pernoitar nuns quartos, rez do chão, a que se haviam feitos taes ou quaes reparos; quartos de uma casa desmantelada, que ficava dentro do presidio da Trafaria.

O presidio, então, tinha ainda o aspecto lúgubre de outros tempos. Há milhares de pessoas vivas, como eu, viram muitas vezes aquelle antro, próprio para covil de feras. Eram furnas medonhas, muitas d'ellas sem luz, e outras apenas esclarecidas por uma fresta alta, com grosso varões de ferro. Argolas chumbadas na pedra, fragmentos de correntes, manilhas quebradas, restos de uma epocha hedionda, que, segundo vejo, não tardará muito a voltar, com a sanha felina de todas as reacções! ... Ainda assim, espero em Deus a boa fortuna de escapar a ella, no outro mundo!

No presidio havia um guarda, que passava dos seus oitenta annos – forte ainda. Na mocidade devia ter sido um Hércules!

Bella cara de homem! Esteve alli preso; padeceu tratos, e mostrou-me nas costas as costuras branqueadas, vestígios do supplicio da vara, que lhe applicaram por mais de uma vez. Luiz Augusto Palmeirim, que, com a sua família, costumava veraneiar na Trafaria, e o meu companheiro das caçadas, Zacharias d'Aça, conheceram-no também. Eu conversava muito com elle. Interrogar um velho, é, quasi sempre aprender alguma coisa, embora triste! ...

Contou-me factos muito notáveis; todos elles com um travo a sangue! Fallarei do ultimo, que se deu n'aquella masmorra, pouco antes do dia 23 de Julho de 1833.

O Cabeça á banda era uma d'estas organizações malévolas, como algumas que há por ahi latentes, e que, se tivessem ensejo, mostrariam, logo, a ferocidade nativa. Eu vi-o uma tarde, indo, de passeio até ao Valle das Romeiras, com A. Herculano, Rebello da Silva, e Caldas Aulete. Era um homem baixo e atarracado.

Não dou relação por menor da sua physionomia, porque o vi de relance; mas o meu bom vizinho, do rez do chão, José Maria Villar – decano e mestre dos caçadores – conheceu-o muito. Confirma-me quanto narrou o velho guarda, e diz-me, agora, que elle tinha o rosto lívido, olhar enviezado, e voz de falso. Bons symptomas! ...

Um toque, que dá a profundidade da malvadez d'aquelle coração. No rigor do inverno, quando as carambinas cortavam a pele, logo de manhãinha, mandava sair as victimas para a parada, e dizia, esfregando as mãos:

-Estão bem remolhadas as varas? É para lhes aquecer as costas. Vamos a isto, rapazes!

E sorria! O sorriso, que em certos lábios toma uma expressão divina, na bocca do perverso arripiava as carnes, é um horror!

No presídio da Trafaria, entre muitos, estava um homem de certa educação, que passava dos sessenta, e um filho de dezoito annos, ambos presos por malhados. Nas vésperas do dia 23 de Julho, no momento em que os ódios andavam mais acesos com as victorias do partido liberal, a mulher do preso veio visitar o marido e o filho. Quando a infeliz se approximava, de braços abertos para os dois, o Cabeça á banda, que desgraçadamente estava alli, agarrou-a, e ia metter-lhe as mãos no seio, para ver se trazia alguns papeis... O marido jogou-se a elle e deu-lhe uma bofetada.

A mulher rompeu em gritos de máxima afflicção. Foi posta fora a pontapé e á coronhada! O velho amarrado.

Ao Cabeça á banda ardia-lhe a cara; mas ria, ria, esfregando as mãos!
O filho abraçou-se ao pae. Começaram as varadas. O filho não o largava! Os abraços da suprema angustia teem a tenacidade das heras; só afrouxam na morte; sucubem amando!

As varadas silvavam, ao rasgar aquelle desventurado grupo de carne humana! A pelle voava! No desatino dos golpes, as varas apanhavam-lhes os peitos, a cara, os braços, as mãos, e mutilavam-lhes os dedos!

Ambos a escorrer sangue! Uma carnificina!

A mulher, cá fora, a arrancar os cabelos ouvindo os gritos do filho e do marido! ... E o Cabeça á banda a rir, e a esfregar as mãos!

Na manhã do dia 23 de Julho, avisaram esta féra de que o Duque de Terceira estava sobre Corroios. Antes que os presos tivessem a mais leve suspeita, metteu-se num bote e atravessou o Tejo. Refugiou-se em casa de altos personagens onde fôra creado, personagens de sangue real, e que se expatriaram logo que o príncipe proscripto foi para o exílio.

O Cabeça á banda guardou rigoroso homizio; depois começou a apparecer. Morreu há annos; não há muitos. Tenho pena! ... Queria mandar-lhe esta Memoria, para que elle, no dia de hoje, lesse o seu elogio histórico!

Monte de Caparica, Torre, Julho, 24, 93.

Memórias, Tomo I, Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa 1894, pp. 45 - 50.



Ficha técnica

Título: Memórias da Caparica pela Pena de Bulhão Pato

Texto: Rui Neves Caetano

Local: Caparica

Edição: Junta de Freguesia de Caparica

Produção: Centro de Arqueologia de Almada

Design Gráfico: Sofia Oliveira – Bee Creations

Fotografia: Arquivo Centro de Arqueologia de Almada, Rui Caetano

Colaboração: Elisabete Gonçalves, Francisco Silva

Impressão:

Tiragem:

Data: 2012

Depósito Legal:



